

Lena Vettorazzo/AE

Maria Soares, ex-empregada de Yan: pivô de polêmica alimentada pelos sobrinhos do escritor

## Disputa trabalhista envolve herança de Almeida Prado

LINA DE ALBUQUERQUE

Depois de ter trabalhado por 48 anos como empregada doméstica de João Fernando de Almeida Prado, o Yan, morto em 1987 aos 88 anos, Maria Soares, 80 anos, briga pelos seus direitos na Justiça do Trabalho contra o herdeiro do escritor, o sobrinho José Almeida Prado de Castro. O único irmão vivo de José, Lúcio Almeida Prado de Castro, que não foi incluído no testamento do tio, é uma das testemunhas de que Maria nunca gozou férias, não recebeu os amparos previdenciários nem os salários dos três últimos anos e até fevereiro deste ano só obtinha do herdeiro de Yan uma contribuição mensal de NCzs 3,50.

Por causa dessas irregularidades, Maria Soares (registrada por Yan em 1941) deve receber uma indenização em torno de NCzs 13.000,00, prevê o seu advogado Manoel Francisco da Silva. O jornalista João Scatimburgo, que tinha lugar cativo nos almoços culturais promovidos na casa de Yan, promete contar a verdade, caso seja também convocado para prestar depoimento: "Ela era dedicada, trabalhou para Yan até a sua morte e até compareceu à missa de sétimo dia".

A versão do sobrinho José, conhecido como Zeca, é um pouco diferente. "Nos últimos tempos, Maria não fazia o serviço de lavadeira porque tinha varizes e micose nas mãos", diz ele. "Mesmo sem ter a obrigação de dar nada, eu ainda continuava providenciando a ela uma pequena contribuição, por abnegação." Segundo a empregada,

essa "contribuição" (no valor de NCzs 3,50 por mês) só era fornecida mediante recibo. Maria Soares é solteira, como Yan, e atualmente mora com uma das três sobrinhas, Idail Cicerelli, que a acompanhará na primeira audiência na Justiça do Trabalho, marcada para quarta-feira.

"A queixa de Maria está sendo promovida por Lúcio, que quer envolver-me num escândalo público", acusa José. "A sua vingança é movida pelo despeito e inveja por não ter sido incluído no testamento do tio." Se Yan não tivesse feito um testamento dez anos antes de morrer — tornado público só depois que faleceu —, os seus bens seriam repartidos entre os dois sobrinhos, José, 72 anos, e Lúcio, 78. De qualquer modo, Lúcio de Castro, ex-ginasta e industrial, não pode dizer que foi "deserdado", conforme o advogado Walter Laudisio, especializado em Direito de Família. De acordo com ele, Yan poderia ter deixado a sua herança a quem bem entendesse, uma vez que existia um testamento. Se ele tivesse, no entanto, os chamados "herdeiros necessários" (ascendentes e descendentes em linha reta, como filhos e pais), somente poderia dispor 50% dos seus bens em favor de outra pessoa.

Por ironia, de todos os sobrinhos de Yan (os outros dois, Raul e Alvaro já morreram), Lúcio era justamente quem mais se parecia com o tio, irmão da sua mãe, Berta. Mas era também quem mais o criticava: "Tio Yan era de um egoísmo e vaidade doentios: destruía qualquer um se com isso pudesse autopromover-se", desferiu. Ele provavelmente estava se re-

ferindo ao veneno que Yan costumava destilar nos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, durante os famosos almoços no casarão da rua Humaitá ou na sua mansão de três andares da rua Guaianases. Essas críticas viperinas acabaram se perpetuando num livro publicado em 1976, no qual o autor chamava Di Cavalcanti de "mau pintor", Mário de Andrade de "prodigioso camelo de si mesmo" e Oswald de Andrade de "poeta simplório e inocente útil". No fim da sua vida, Lúcio diz ter-se tornado mais próximo do tio, "por pena, ele era um infeliz".

No dia da audiência, Maria entregará a Lúcio um atestado onde ela reconhece que o quadro do pintor belga Binot — um retrato da mãe dos sobrinhos na praia de Nice —, que hoje José mantém em sua casa, estava apenas sob a guarda de Yan, mas era do irmão Alvaro. "Não vou reparti-lo com Lúcio, porque Alvaro o vendeu para meu tio", jura José. "Eu também tenho direito sobre ele, além do que não quero que José o venda, como fez com o crucifixo de nossa avó", devolve Lúcio. O filólogo Antônio Houaiss, que um dia manifestou desejo em adquirir o quadro, prefere hoje manter-se afastado da disputa familiar: "Estou fora do baralho. Nem me lembro mais do nome do pintor", disse Houaiss. Maria Soares, num risinho malicioso, lembra as empregadas que costumavam escolher secretamente um namorado entre toda a gente importante que passava pela casa. "Elas diziam que eu gostava do Tavares de Miranda, mas quem eu olhava mesmo era o Houaiss...".

## Yan foi maior crítico da Semana de 22

Os seletos convidados dos almoços "culturais" promovidos pelo abonado escritor e historiador João Fernando de Almeida Prado — conhecido por "Yan" (transcrição flamenca de João), entre a intelectualidade paulista de *black-tie* do começo do século — não podiam

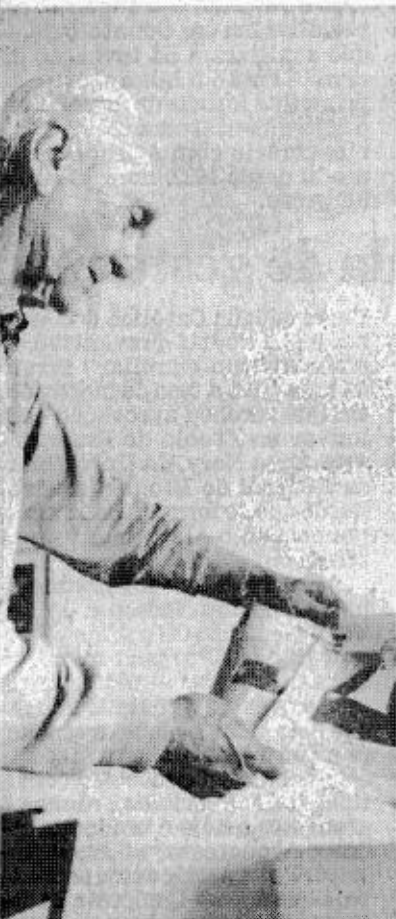
adivinhar qual seria o cardápio daquele dia, mas sempre acertavam na previsão de um dos principais acepipes postos à mesa: a sua crítica feroz aos participantes da Semana de Arte Moderna. Prato predileto do dissidente do movimento de 1922, a receita da impostura do

evento seria revelada no livro *A Grande Semana de Arte Moderna*, publicado por ele 11 anos antes de morrer de pneumonia, aos 88 anos.

"Pegue uma província subdesenvolvida, sonolenta. Acrescente uns aristocratas entediados brincando de Deauville e um punhado de carreiristas doidos para transformar a brincadeira em marco cultural. Embasacada, a província terá a ilusão de uma intensa experiência cultural", polemizava ele. Para Yan, Mário de Andrade não passava de "um cabotino sem talento", e João Guimarães Rosa de "um escritor meramente regional".

Nascido numa fazenda cafeeira em Rio Claro, interior do Estado, Yan não se casou, não teve filhos e seus únicos parentes no fim da sua vida se reduziaram aos filhos da irmã Berta, natural de Bruxelas. Elegante, rico e *blasé*, ele ganhou fama também de ser um excelente antifitrião. Participavam das suas longas conversas banhadas a licor de jenipapo nas mansões da rua Humaitá e Guaianases, gente como Afonso Taunay, Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, Tavares de Miranda e João Scatimburgo.

Yan era dono de uma cobijada biblioteca de mais de 30 mil obras e autor de *A Conquista da Paraíba*, uma minuciosa pesquisa encomendada por Assis Chateaubriand. Gostava de autodenominar-se jornalista. "Só deixei de pagar o sindicato porque ficou muito caro", confessou ele um pouco antes de morrer. (LA)



Ariovaldo Vicentini/AE

Lúcio: fora da herança



AE

Yan: almoços cáusticos